

Candidatos ao Senado denunciam discriminação

Revoltados com a falta de organização durante as provas de Constituição, Decreto-Lei 200 e Conhecimentos Gerais, do concurso para datilógrafo do Senado Federal, realizado domingo último no no Ginásio de Esportes Presidente Médice, diversos concorrentes denunciaram os abusos cometidos pelos fiscais e criticaram severamente os coordenadores das provas, fazendo, inclusive, acusações de favorecimentos.

Um dos membros da Organização do Concurso, José Jabre Baroud, chefe do Gabinete do Senador Henrique Santilo (PMDB/GO), a quem cabia a coordenação das provas, rechaçou as denúncias, afirmando que o concurso foi honesto, decente e sem quebra de sigilo.

Baroud lembrou que houve tanta lisura nos exames que dois candidatos foram expulsos do Ginásio de Esportes por terem sido surpreendidos quando consultavam livros e apostilas. Explicou que sobre eles, os fiscais já elaboraram relatórios, atualmente em estudos por parte da comissão organizadora.

Tudo começou, segundo uma denunciante, com um quebra-quebra no interior do Ginásio momentos antes do início dos exames. Depois disso, ficou constatado uma certa discriminação contra os candidatos que realizaram provas em outros estabelecimentos, como na católica, onde os pretendentes à vagas no Senado eram vigiados de perto por dois ou três fiscais.

Fiscais

Isso não ocorreu no Ginásio, pois ali, onde cerca de 10 mil pessoas disputavam o limitado número de vagas, não havia um número suficiente de fiscais, o que favoreceu várias irregularidades, como omissão de coordenadores, a figura da "colação" indiscriminada e outras. Cerca de 10 denunciante chegaram a telefonar para o **Jornal de Brasília** a fim de manifestar seu repúdio aos organizadores do concurso do Senado.

Segundo eles, o que houve foi "uma tremenda discriminação" que acabou por prejudicar os que fizeram as mesmas provas em salas fechadas sob as vistas rigorosas de fiscais, que não admitiam sequer que os concorrentes olhassem para os lados, "o que não pôde acontecer no Ginásio, com 10 mil pessoas fazendo provas. Outros concorrentes garantiram que durante os exames, eram comuns os que consultavam a legislação específica, no caso o Decreto-Lei 200, e lançavam mão do texto constitucional para responder as questões.

Uma denunciante, Maria das Graças, do Plano Piloto, (todos os outros preferiram não se identificar, por enquanto, uma vez que ainda estão em processo seletivo) disse que, tão logo sejam divulgados os primeiros resultados, entrarão

com mandado de segurança alegando tratamento diferenciado para concorrentes em concurso público. No telefonema de ontem, a reclamante disse que vai tentar o apoio do senador Henrique Santillo ou ouvir do parlamentar explicações plausíveis sobre a decisão de se colocar poucos concursantes em salas pequenas e 10 mil no Ginásio.

— Estudei muito, paguei cursinho e por isso não posso aceitar que os fiscais orientem os concorrentes na hora da prova. Tinha muita gente consultando até a gramática, o que demonstra a desmoralização do Senado. A organização do Concurso não se dispôs sequer a nomear um coordenador dos fiscais — disse um dos concorrentes que fez prova na Católica quando "soube das oportunidades que perdi no Ginásio de Esportes."

Dificuldades

Quanto a isso, José Jabre Baroud argumenta que "é natural que um candidato despreparado sinta dificuldades em uma prova relativamente fácil e acabe culpando os organizadores pelas suas limitações. Para o chefe de gabinete do senador Santillo, o maior fiscal nas provas realizadas no Ginásio foi o próprio candidato, pois, segundo ele, "como alguém pode passar "cola" para um concorrente sabendo que, com isso, está perdendo oportunidade de emprego?"

Outro argumento de Baroud diz respeito às dificuldades de se conseguir outros locais mais adequados, pois "o que nos foi oferecido não podia ser diferente". Ele questionou se seria possível colocar os 30 mil candidatos em outros locais que não o Ceub (com cerca de 5 mil concorrente) a UnB (com outros 5 mil), a UDF e católica, (com quase três mil cada) e assim por diante. "O restante", disse, "só poderia mesmo fazer as provas no Ginásio".

Quanto à denúncia de ajuda por parte dos fiscais aos candidatos, ele exige provas para tomar as devidas providências, salientando que o foco do problema durante o concurso estava concentrado no Ginásio de Esportes. "O Senado Federal", acrescentou, não tem obrigação de contratar ninguém por concurso, portanto, não há interesse nos apadrinhamentos. Dos 1.500 inscritos saíram 150 que tentarão as vagas na categoria de datilógrafo".

Ele afirmou também, que com esses números, os exames a que os candidatos se submeteram não foi uma prova difícil, mas de astúcia, já que o concurso foi baseado no programa do 1º grau. Essa questão também foi levantada pelos candidatos, que não aceitam o argumento do nível baixo dos quesitos, mas sim, o tratamento dado às pessoas que concorriam a uma vaga no Senado.